

POÉTICAS DO INTERVALO: BREVES NOTAS SOBRE *TEL QUEL*, SILVIANO SANTIAGO E RICARDO PIGLIA

Jorge Wolff³

Resumo: Partindo da noção de “telquelismos latino-americanos”, o texto reflete sobre a disseminação das ideias do grupo *Tel Quel* – cuja revista, dirigida por Philippe Sollers, foi publicada entre 1960 e 1983 – no Brasil e na Argentina. Os neo-vanguardistas franceses reunidos em torno de *Tel Quel* reivindicaram o ensino de Jacques Lacan, além das teorias de Roland Barthes e Jacques Derrida, sendo que alguns destacados intelectuais latino-americanos falaram a mesma língua vanguardista-psicanalítica sob distintas formas político-poéticas, a exemplo dos escritores Silviano Santiago e Ricardo Piglia, abordados aqui.

Palavras-chave: Sujeito. Entre-lugar. Lacan. *Tel Quel*.

Resumen: A partir de la noción de “telquelismos latinoamericanos”, el texto discute la diseminación de las ideas del grupo *Tel Quel* –cuya revista dirigida por Philippe Sollers se publicó entre 1960 y 1983– en Brasil y Argentina. Los neovanguardistas franceses reunidos en torno de *Tel Quel* reivindicaron la enseñanza de Jacques Lacan, además de las teorías de Roland Barthes y Jacques Derrida, y algunos importantes intelectuales latinoamericanos hablaron la misma lengua vanguardista-psicoanalítica bajo distintas formas político-poéticas, como es el caso de los escritores Silviano Santiago y Ricardo Piglia.

Palabras clave: Sujeto. Entre-lugar. Lacan. *Tel Quel*.

No final do século 19, acreditava-se que seria possível substituir o filósofo-rei de Platão pelo artista-rei. É necessário um caminho entre essas duas imagens.

Alain Badiou

1 Ninharias da personalidade

³ Possui graduação em Filosofia (1993), mestrado em Teoria Literária (1997) e doutorado em Teoria Literária (2002) pela Universidade Federal de Santa Catarina. É professor adjunto de Literatura Brasileira da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Para abordar as posições de dois escritores contemporâneos em sua reflexão interdisciplinar que vai da filosofia, à literatura e à psicanálise, cabe propor, quer dizer, ao mesmo tempo investigar e questionar o que se pode chamar de “políticas da ambivalência” ou “poéticas do intervalo”, em nome da afirmação de raiz nietzschiana – em Silviano Santiago – e em nome da negação de raiz brechtiana – em Ricardo Piglia. De que modo isto se aplica em tais casos é o que move este texto, a começar por um rápido resgate dos *telquelismos latino-americanos*, entre Roland Barthes e Jorge Luis Borges, entre Stéphane Mallarmé e Murilo Mendes, uma vez que ser é “ser e não ser”⁴.

A teoria do sujeito *telqueliana* viveu de apropriações daquelas de Lacan e de Derrida, nomes de pais que devem se juntar ao de um padrinho, Roland Barthes. Esta teoria, como se sabe, utilizou-se destes “pais” como base primeira para um confronto anti-humanista e anti-ocidental de tipo tardovanguardista: o sujeito enquanto vazio, o sujeito enquanto variável, a exemplo das teorias do eu embutidas na noção de escritura de Derrida, ou, acrescentemos, naquela leitura devida ao autor de *Ficciones*. Este sujeito que desaparece sob o significante – à maneira do autor “mortificado” segundo Michel Foucault, ou o próprio Barthes – ocupa, por isso, um *entre-lugar* nos significantes do Outro.

Jacques Lacan, ao comentar a *Carta 52* de Freud no *Seminário 11* – em que se coloca na posição de um “refugiado” – vai situar o lugar do Outro “no intervalo entre percepção e consciência” (NAHAS, 1998, p. 150), ou, “como se diz, entre couro e carne”, conforme a imagem corporal que ele acrescenta (LACAN, 1988, p. 48). A radical excentricidade do sujeito para ele mesmo, no dizer de Lacan, implica no fato de que a relação do sujeito com o Outro, no que diz respeito ao significante, dá-se, conforme Vanessa Nahas, “sob a forma da alienação, da subordinação do sujeito ao campo do Outro. Mas se o estatuto do sujeito é o da falta em ser, ele derivará na cadeia significante segundo o

⁴ Este texto é parte da reflexão desenvolvida na tese de doutorado *Telquelismos latino-americanos. A teoria crítica francesa no entre-lugar dos trópicos*, orientada por Raúl Antelo e defendida na Universidade Federal de Santa Catarina em fevereiro de 2002. Os escritores-críticos tomados como eixos da tese no Brasil e na Argentina são Beatriz Sarlo, Leyla Perrone-Moisés, Silviano Santiago e Ricardo Piglia. Companheiros de rota argentinos como Héctor Schmucler, Nicolás Rosa, Germán García e Ernesto Laclau também são personagens destacados do ensaio, publicado em 2009 em Buenos Aires pela Editora Grumo, incluindo entrevistas de todos os autores mencionados nesta nota.

vetor do desejo, e nenhum significante poderá esgotá-lo, dizer o que ele é” (NAHAS, 1998, p. 154). Convém observar, no entanto, que este era o pensamento de Jacques Lacan em 1960, o qual – trabalhando sempre contra si mesmo – vai se modificar em seu último período, durante os anos 1970, deixando de dar primazia ao grande Outro, falando de sua inexistência e insistindo que o que há, na verdade, é “Um” (e em que sentido o abandono do Outro desestabilizaria a noção da constituição do sujeito enquanto vazio é outra questão essencial).

Porém, o sujeito que é falta, o sujeito que *treme* – no dizer de César Aira em ensaio sobre a poeta Alejandra Pizarnik – é aquele do chamado Lacan “clássico”, intensamente consumido pelo grupo *Tel Quel*, em que o “eu” se constitui na linguagem. Aira segue o mesmo caminho – em benefício da poesia – ao ponderar que

na realidade toda sua teoria se baseia, se é que entendi bem, em que a constituição do Sujeito se faz na língua, e não há um sujeito “verdadeiro” anterior ao simbólico, a não ser no campo do mito. Depois, Lacan fala da “coincidência impossível” do Eu com a palavra “eu”. O sujeito do enunciado é uma máscara, infinitamente variada, do sujeito da enunciação. Esse infinito tende de modo assintótico à coincidência de Eu e “eu”, sem chegar nunca a ela. Ele exemplifica tudo isto com um sonho de Freud ou, melhor dito, com a frase com que Freud comenta o aparecimento em um sonho de seu pai, morto anos antes: “Ele não sabia que estava morto”. Quem o sabia era o sonhador, o filho, que aparece enquanto sujeito da frase no absurdo desta. Segundo Lacan, aqui o sujeito “treme”. Acho que esta pequena parábola demonstra que a saída do sujeito simbólico ou lingüístico não está atrás, em um suposto sujeito “real” refugiado na Vida ou na Natureza, mas adiante, nos *cul de sac* poéticos da língua (AIRA, 1998, p. 60, tradução nossa).

Poderíamos afirmar, portanto, que os *cul de sac* poéticos da língua, ou seja, as armadilhas significantes da linguagem, são as escrituras de Jorge Luis Borges, ou de James Joyce, ou do último Mallarmé, os escritores segundo os preceitos fundamentais do grupo *Tel Quel*, em seu determinante mas indeterminável *entre-lugar*. Devemos, porém, transformar esta afirmação em nova pergunta, relacionada aos sujeitos implicados no *entre-lugar* do discurso latino-americano, o que se procurou fazer, em *Telquelismos latino-americanos*, através das proto-histórias de Santiago e Piglia (além de Sarlo e Perrone-

Moisés): até que ponto eles chegam a franquear um certo limite – franqueamento este autoproclamado de um modo ou de outro – conforme o faz Antígona na zona fronteira do *entre-deux-morts* (LACAN, 1986, p. 317)? Observemos como isto se dá, ou não, em cada um dos casos.

2 O nascimento do selvagem

No manifesto político-poético em forma de fábula identitária paradoxal que vem a ser o ensaio *O entre-lugar do discurso latino-americano*, escrito em 1971 (e que permanece iluminando a trajetória intelectual posterior de seu autor), Silviano Santiago fala pioneiramente (ao menos em âmbito brasileiro) em nome da produtividade da repetição e da diferença, do acaso e do inconsciente, propondo um para-além da perspectiva dependentista dominante através da noção de “entre-lugar”, avançada por Jacques Derrida em *La double séance*, ensaio de *La dissémination* (1972). Trata-se, no caso desta “autobiografia intelectual” do autor de *Uma literatura nos trópicos* (1978), *Em liberdade* (1981) e *Stella Manhattan* (1985), de um texto organicamente “esquizóide”, na medida em que foi escrito em francês por um então professor brasileiro de universidade norte-americana, o qual, portanto, utilizava o inglês como língua principal, em detrimento do português⁵.

Escrito originalmente em francês no início de 1971, o ensaio é dedicado a Eugenio Donato, um dos introdutores do estruturalismo nos Estados Unidos da América, e de certa maneira também na América dita latina, uma vez que aquele que seria um dos principais responsáveis por sua difusão no Brasil – o próprio Santiago, em versão renovada, isto é, “pós-estruturalista” –, apreende-o a partir dele (Donato). Ao lado disso, vale recordar que Santiago cunhou – quer dizer, releu, ruminou, traduziu, devolveu – a expressão (o “entre-lugar”) para o título de uma conferência apresentada no Canadá a convite do mesmo Donato,

⁵ No Brasil o texto *O entre-lugar do discurso latino-americano*, de Silviano Santiago, foi recolhido em *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*, em 1978. O volume foi reeditado em 2000 pela editora Rocco, do Rio de Janeiro. De *Em liberdade* e *Stella Manhattan*, há versões recentes em castelhano, publicadas por Editorial Corregidor, de Buenos Aires.

que no entanto o faria modificar, justamente por sua singularidade, para “La naissance du sauvage, antropophagie culturelle et la littérature du Nouveau Monde”. Posteriormente, como um simples título, quer dizer, em toda sua complexidade, ao abrir a primeira coletânea de ensaios de Santiago, significativamente subtitulada “Ensaio sobre dependência cultural” (conforme o jargão da época), acabou disseminando-se de maneira persistente e produtiva. Poder-se-ia dizer que é hoje entre a crítica acadêmica um “lugar comum”. Contudo, dada a sua potência analítica, um *lugar comum ambivalente*, que parece sobreviver à revelia de seus mais diversos usos. Em outro sentido, porém, o lugar intersticial em questão não passa de uma ficção autobiográfica, ou seja, precede e excede o seu próprio sujeito, como se percebe a partir de sua própria fala:

Um brasileiro, professor de francês, numa universidade americana... Que foi uma das razões pelas quais eu voltei ao Brasil, porque minha esquizofrenia tinha chegado a um ponto que eu não agüentava mais... Eu não falava mais português, não é? Quer dizer, o português deixou de ser uma língua, para mim, de utilidade. E eu tenho a impressão que deve ter surgido desse caos, entende?... Eu acho que era um pouco o enfrentamento da minha própria condição de não ter um lugar, eu não tinha literalmente um lugar...⁶

Como se pode perceber a partir desta reconstrução biográfica privada, o conceito de entre-lugar passa a constituir este “lugar comum ambivalente” no campo da crítica cultural em sua versão brasileira e latino-americana – encontrando eco até hoje também, como é sabido, no meio intelectual norte-americano. No entanto, ou por isso mesmo, tem sido fartamente empregado enquanto lugar pacífico, moeda corrente do discurso do intelectual dito latino e americano, em processo de naturalização que significa a rigorosa negação do próprio conceito. De modo que, reconhecido o seu raio de ação, seria necessário lê-lo em chave igualmente *bárbara e crítica*, ou seja, no marco da transgressão que lhe é inerente. No marco deste ensaio, entrecruzam-se duas – ou três – tradições em uma: a da modernização latino-americana, através de Borges (além de Cortázar) e a da antropofagia brasileira (Oswald e Mário de

⁶ Depoimento ao autor (Rio de Janeiro, 18 de maio de 2000), incluído em *Telquelismos latino-americanos*.

Andrade), de um lado; e a da teoria crítica francesa, isto é, aquela do *telquelismo* que tem em Lacan, Derrida e Barthes seus faróis. Em Santiago, tais *tradições* diversas podem ser equacionadas na expressão “o labirinto da *différance*”, empregada no prefácio ao *Glossário de Derrida*, publicado em 1976 sob sua direção.

A fim de destacar esta que não é “nem uma palavra, nem um conceito”, a *différance* (com “a”) segundo Derrida, lemos no *Glossário* que esta *différance* seria “o movimento de jogo que produz as diferenças, os efeitos de diferença” através da superação do conceito de plenitude – que em relação à teoria do sujeito de Lacan se esfacela já a partir de fins dos anos 1950. Assim, este esvaziamento significante constitui-se, segundo o *Glossário*, “a partir do traço nele dos outros elementos da cadeia ou do sistema, fazendo-se necessário que ‘um intervalo o separe daquilo que não é ele para que ele seja ele próprio’” (SANTIAGO *et al.*, 1976, p. 34). Este intervalo pode ser, da mesma maneira, relacionado àquele esboçado pelo ensino de Lacan no início dos anos 1960, relido por Derrida logo em seguida, em *La différence* (DERRIDA *et al.*, 1968, p. 43-68).

No ensaio sobre o entre-lugar, Santiago resume seu desejo em uma única sentença, que deve ser somada à equação acima: por “um novo discurso crítico cujo único valor será *a diferença*”. A propósito, vale sublinhar os desdobramentos que vive nesse mesmo momento (início de 1970) o ensino de Jacques Lacan, na direção de uma “ciência do real”, em que o Outro é abandonado em função do “Um” (RIAVIZ, 2003, p. 33). Assim, quando a diferença se estabelece via Jacques Derrida enquanto alternativa radical ao pensamento dominante, Lacan propõe uma outra volta de parafuso, avessa ao *telquelismo* e ao “labirinto da *différance*” no instante em que se dissemina no pensamento anti-acadêmico no interior das próprias academias.

3 O espetáculo do eu

É preciso voltar, porém, a Freud, passando pelo posfácio de Lacan ao *Seminário 11*, para chegar à conferência sobre *O melodrama do inconsciente*, apresentada por Ricardo Piglia em Buenos Aires, em julho de 1997, diante da

Associação Psicanalítica Argentina⁷. Um escrito, para Jacques Lacan, é para “não se ler”, porque aquilo que diz é votado ao inconsciente, ou seja, àquilo que se lê antes de mais nada: o escrito enquanto “não-a-ler” “é Joyce quem o introduz”, ou “intraduz”, conforme o posfácio de 1973, no qual Lacan lê a práxis da interpretação pelo viés da palavra “em que não se lê o que ela diz” (LACAN, 1988, p. 251).

O autor de *Respiração artificial* (1980) introduz, por sua vez, a imagem da opacidade das águas para, através da metáfora da natação aplicada a um caso célebre de psicose, mergulhar no mar da linguagem: “Quem de fato fez da relação com a psicanálise uma chave de sua obra talvez tenha sido o maior escritor do século XX: James Joyce”, escreve Piglia (1998, p. 6), dando margem a uma revolução sem volta, a seu ver – em franca sintonia com o olhar da neovanguarda telqueliana –, no modo de narrar. O caso de psicose era o da filha de Joyce, Lucia, que o pai tentava estimular através das palavras – era a época da escritura de *Finnegan’s Wake* (1939), que pode ser caracterizado como um texto totalmente psicótico no sentido da fragmentação, da dispersão na linguagem. Ao contrário dos seus, no entanto, os escritos da filha eram “não os de quem nada, mas os de quem se afoga”, segundo a não menos célebre resposta de Carl Gustav Jung à pergunta do pai de Lucia, citada por Piglia.

No entanto, a relação com Jacques Lacan neste texto dedicado a Sigmund Freud é encontrada em uma menção a outro escritor exemplar aos olhos de Piglia, o também argentino Manuel Puig (1932-1990) – exímio e conhecido narrador de melodramas que um dia propôs uma paródia à fórmula clássica de Lacan (“o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, esboçada ainda nos anos 1950), em que justamente a palavra linguagem é substituída pela palavra folhetim: “o inconsciente tem estrutura de folhetim”. Esta palavra aponta, por sua vez, com clareza a um gênero sempre revitalizado pela cultura de massas, cultura da qual a própria psicanálise seria, segundo Vladimir Nabokov (citado por Piglia), simplesmente mais um fenômeno, “ao convocar o sujeito a um lugar extraordinário, tirando-o de sua experiência

⁷ Reproduzido no suplemento *Ilustrada* do jornal *Folha de S. Paulo* em 21 de junho de 1998 e disponível *on-line* na “Biblioteca Folha”.

cotidiana” (PIGLIA, 1998, p. 6). Trata-se, como se percebe, de um sujeito ainda pleno.

Nas conferências para *não ler* de Jacques Lacan, em que o sujeito *treme* (segundo César Aira), estamos todavia mais para um aforismo do dramaturgo brasileiro Nelson Rodrigues, ou, no registro policial que conclui o ensaio de Piglia, para um relato de Edgar Allan Poe – o da *Carta roubada*, para um texto, e uma leitura, familiar aos psicanalistas lacanianos e aos leitores de seu ensino (LACAN, 1998, p. 13-66). O clichê segundo o qual o psicanalista é o detetive, visto enquanto sujeito deliberadamente colocado à margem de qualquer integração institucional, é revalorizado do seguinte modo por Piglia, ao diferenciá-lo do herói trágico:

Na tragédia, o sujeito recebe uma mensagem dirigida a ele e a interpreta de maneira equivocada. A tragédia é o percurso dessa interpretação, é o modo pelo qual o sujeito entende errado. No policial aquele que interpreta está livre de travas e fala de uma história que não é a dele, dedica-se a uma questão que não é a dele: acho que os psicanalistas têm alguma familiaridade com isso [...] (PIGLIA, 1998, p. 6).

Apesar de sua revisitação a Freud, no ensaio da década de 1990, a multiplicidade de máscaras do “Eu” aparece cedo em Ricardo Piglia – ainda que de maneira fugaz em tempos de dogmatismo político crescente –, no prefácio ao livro intitulado precisamente *Yo* (PIGLIA, 1968, p. 4-6). Em clave tipicamente sessentista, reunindo a linguística (ainda) estrutural barthesiana ao discurso da esquerda existencialista, o futuro autor de *Respiração artificial* apontava para a autobiografia enquanto “escritura do outro”, em sua breve nota introdutória:

Como nos ensinou a linguística o EU é, de todos os signos da linguagem, o mais difícil de manejar: é o último que a criança adquire e o primeiro que o afásico perde. A meio caminho entre os dois o escritor adquiriu o costume de falar de si mesmo como se se tratasse de outro.

Apesar de tudo, em certos livros tenta esquecer essa máscara: neles uma subjetividade concreta mostra o rosto, é assumida.

Exorcismo, narcicismo, em uma autobiografia o EU é todo o espetáculo. Nada chega a interromper essa zona sagrada da subjetividade: alguém se conta a sua própria vida, objeto e sujeito da narração, único narrador e único protagonista, o EU parece ser também a única testemunha.

Sem embargo, pelo simples fato de escrever, o autor prova que não se fala apenas a si mesmo: se o fizesse – assinala Roland Barthes – lhe bastaria uma espécie de nomenclatura espontânea de seus sentimentos, uma vez que a linguagem é imediatamente seu próprio nome. Obrigado a traduzir sua vida em linguagem, a eleger as palavras, já não se trata da experiência vivida, mas da comunicação dessa experiência, e a lógica que estrutura os fatos não é a da sinceridade e sim a da linguagem.

Aceita esta ambigüidade, é possível tentar a tarefa de decifrar um texto autobiográfico: trata-se, definitivamente, de resgatar as significações que uma subjetividade deixou cair, iluminou no ato de contar-se: espelho e máscara, esse homem fala de si ao falar do mundo e, ao mesmo tempo, nos mostra o mundo ao falar de si mesmo. É preciso encurralar estas presenças tão esquivas em todos os cantos: saber que certos escamoteios, certas ênfases, certas traições da linguagem são tão relevantes quanto a “confissão” mais explícita (PIGLIA, 1968, p. 6, tradução nossa)⁸.

Se as menções explícitas aos teóricos franceses são borradas, para usar um termo apropriado ao caso, elas vão se tornar pressupostos de um escritor marcado pela inseparabilidade entre crítica e ficção. Pode-se comprovar a permanência desses pressupostos teóricos assimilados desde os anos 1960 com base no que Piglia escreveria nas décadas seguintes. Um dos avatares dessas marcas aparece em *Formas breves* (1999), onde “O melodrama do inconsciente” também foi recolhido com outro título (“Os sujeitos trágicos”):

A crítica é a forma moderna da autobiografia. A gente escreve a nossa vida quando acredita escrever as nossas leituras. Não é o contrário do “Quixote”? O crítico é aquele que encontra a sua vida no interior dos textos que lê. Nessa linha, foi decisiva para mim a surpreendente anotação de Faulkner em seu prólogo inédito a “The sound and the fury”. “Escrevi este livro e aprendi a ler”. A escrita de ficção modifica o modo de ler e a crítica que um escritor escreve é o espelho secreto de sua obra (PIGLIA, 1999, p. 137-138).

⁸ A antologia de Ricardo Piglia dedicada à “escrita de si” foi desenterrada pelo crítico Raúl Antelo há alguns anos. Ela estabelece uma clara e precoce reivindicação dos discursos estruturalistas que Piglia costuma repudiar, mesmo para seus anos de formação. Piglia, a propósito, tomou a iniciativa de apagar certos textos de sua trajetória, a exemplo do rastro barthesiano representado por *Yo*, assim como seus artigos maoístas militantes publicados na revista *Los Libros* (Buenos Aires, 1969-1976) entre 1973 e 1975.

Na construção de seu próprio espelho secreto, Piglia dissemina a ideia de que tanto crítica como ficção significam inevitavelmente “confissão”.

4 Coda

Na manifestação mais explícita – e reprimida – de Piglia dedicada ao seu próprio entre-lugar pela via da autobiografia, através da leitura de um Roland Barthes ainda estruturalista feita em *Yo*, e daquela leitura da psicanálise (ainda) freudiana, retornamos a Silviano Santiago, às voltas com semelhantes máscaras, na escritura de *Em liberdade*, publicado no início da década de 1980, a exemplo de *Respiração artificial*, para fazer a narrativa do luto pós-ditatorial (AVELAR, 1999). No entanto, há um mar que os separa a partir da “virada gramatológica” em nome do “prazer do texto”, à qual o escritor-crítico argentino passa a resistir e na qual o brasileiro mergulha de cabeça, não apenas para nadar em vez de se afogar, mas para buscar a invenção de novas máscaras, de novas formas de acefalia narrativa, entre o nadar e o afogar, entre a vida e a morte, ou entre duas mortes.

Referências

- AIRA, César. *Alejandra Pizarnik*. Rosario: Beatriz Viterbo, 1998.
- AVELAR, Idelber. *Postdictatorial Latin American Fiction and the Task of Mourning*. Durham/London: Duke University Press, 1999.
- DERRIDA, Jacques. *La dissémination*. Paris: Seuil, 1972.
- DERRIDA, Jacques *et al.* *Théorie d'ensemble*. Paris: Seuil, 1968.
- LACAN, Jacques. *Seminário 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- _____. *L'éclat d'Antigone (1960). Le Séminaire. Livre VII*. Paris: Seuil, 1986.
- _____. *O seminário sobre A carta roubada. Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- NAHAS, Vanessa. *Alienação e separação: a dupla causação do sujeito*. 1998. 130 f. (Dissertação de Mestrado em Práticas Sociais e Constituição do Sujeito). Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.
- PIGLIA, Ricardo (ed.). *Yo*. Buenos Aires: Tiempo Contemporáneo, 1968.

POÉTICAS DO INTERVALO: BREVES NOTAS SOBRE TEL QUEL, SILVIANO SANTIAGO E RICARDO PIGLIA

_____. *Respiração artificial*. Trad. Heloisa Jahn. São Paulo: Iluminuras, 1987.

_____. O melodrama do inconsciente. *Folha de S. Paulo / Ilustrada*, São Paulo, 21 jun. 1998.

_____. *Formas breves*. Buenos Aires: Temas Grupo Editorial, 1999.

RIAVIZ, Eduardo. *Lacan, o estruturalismo e seus pós*. 2003. 205 f. (Tese de Doutorado em Textualidades Contemporâneas). Pós-Graduação em Literatura. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

SANTIAGO, Silviano *et al.* (ed.). *Glossário de Derrida*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

_____. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. *Em liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. *Stella Manhattan*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.